

# Prefácio

É sabido que a Bahia tem brindado o Brasil com expoentes de diversos ramos do conhecimento. Destaco Rui Barbosa, o qual, além de deixar-nos incalculável cabedal jurídico, notabilizou a Nação na comunidade internacional ao representá-la na *Segunda Conferência da Paz*, em 1907. Destaco, de igual modo, Castro Alves, o poeta condoreiro, nuncio da Abolição e da República, de quem herdamos legado literário também de valor inestimável.

Poderia ser incluído nessa galeria de heróis do pensamento e da palavra, sem em nada desmerecê-la, outro baiano, vocacionado para o árduo e paradoxalmente sublime ofício de distribuir justiça, ora homenageado, devido à aposentadoria, mediante esta coletânea de julgados. Refiro-me ao eminente Ministro **José de Castro Meira**. Numa caminhada diferenciada pela honradez e competência, pela humildade e fé em Deus, sempre defendendo a democracia, a justiça e a cidadania, tornou-se paradigma para a geração contemporânea e para aquelas que hão de surgir.

A obra revela a profícua caminhada: advocacia, Ministério Público do Estado de origem e magistratura, carreira em que ele atingiu o ápice com a investidura no cargo de Ministro do Superior Tribunal de Justiça.

Dos muitos testemunhos aqui registrados, assoma o perfil do mestre, do escritor, do conferencista, do juiz vocacionado, cujos votos são doses substanciais de aprendizagem, porque embasados em notório saber jurídico, aliado a prudência, sensibilidade e humanismo.

Nesse contexto, não seria exagero voltar a Rui Barbosa: “De nada aproveitam leis, bem se sabe, não existindo quem as ampare contra os abusos; e o amparo sobre todos essencial é o de uma justiça tão alta no seu poder, quanto na sua missão.”

Foi a uma justiça como a preconizada pelo célebre juriconsulto que o Ministro **José de Castro Meira** devotou quase quarenta anos de sua vida. Foi em nome da independência e da isenção dessa justiça que ele mourejou, dia a dia, compulsando autos volumosos, estudando as leis, examinando os códigos, pesquisando à exaustão, ouvindo as partes e procurando sentir a dor de cada uma para então julgar com liberdade de consciência. Foi pela mesma justiça que lutou fervorosamente, com foco nos jurisdicionados e, numa visão mais larga, na construção de um mundo melhor.

As páginas a seguir corroboram minha breve exposição.

**Ministro FRANCISCO FALCÃO**  
**Presidente do Superior Tribunal de Justiça**